

## O nome *Ininga*: algumas possibilidades interpretativas

Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos<sup>i</sup>

Naquele que talvez seja o primeiro registro da realidade histórico-geográfica do estado do Piauí, a *Descrição do Sertão do Piauí* (2009), de Miguel de Carvalho, redigido em 1697, tem-se a ocorrência de um rio cujo nome é *Inhinhinga*. Feita a advertência, pode ser que tanto *Inhinhinga* quanto *Ininga*, tenham sofrido redobro, a partir de *Ingá*, do tupi *i'na* (CUNHA, 2001, p. 436). Tal fenômeno, no *DeHlp* (2002), refere-se ao “processo formal de repetir segmentos fônicos de uma palavra ou mesmo toda a sequência fônica de vocábulos, para indicar categorias gramaticais ou para obter efeitos expressivos”. Assim sendo, pode-se conjecturar que, a partir de *Ingá*, que já teria uma consoante epentética em relação ao étimo tupi, surgiram outras formas com um ou mais redobro(s). Eis, pois, uma cadeia possível: *Inhinhinga* < *Ininga* < *Ingá*.

Pode ser também que tenha havido uma alteração de *aninga*, que, segundo Gregório (p. 413, s/d), é o “fruto da aningueira ou aningaúba; nome de cachoeira do rio Maturá, afluente da margem esquerda do Oiapoque, Amapá”. No *DeHlp*: “planta de caule arborescente (*Philodendron speciosum*), da fam. das aráceas, nativa do Brasil (ES, MG, RJ), de sementes e raízes com propriedades anti-helmínticas, folhas lobadas, flores em espiga, protegidas por espata verde e de margens avermelhadas, e bagas amarelas; aningaíba, aringaíba”. Neste caso, pode-se conjecturar que ocorreu assimilação do primeiro /a/ pela proximidade com a vogal /i/, donde: *aninga* > *ininga*. Em qualquer das duas hipóteses, fica sobrelavada, consoante os resultados de nossa tese de doutoramento (ANJOS, 2012), a importância dos elementos fitológicos na nomeação da toponímia brasileira em geral. Os nomes de plantas, de árvores etc. têm servido sobejamente para a nomeação de lugares. A explicação para isso encontramos também em Anjos (2012), que, ao tratar de sintagmas toponímicos preposicionados, verifica que o maior percentual de ocorrência de sintagmas preposicionados ocorre com “nomes indicadores de ‘denominação’ e de uma possível ‘presencialidade/existencialidade’” (ANJOS, 2012. p. 310).

Há pelo menos mais um étimo que pode ser objeto de reflexão para o nome *Ininga*, qual seja: “ininguá (“ + guá) = trançado, tecido; rede trançada” (GREGÓRIO, p. 758, s/d). O morfema **INI**, em ininguá, significa ‘rede de dormir; fio ou linha’ (op. cit.), donde ‘rede trançada’. Se se leva em conta, pois, o padrão geral de nomeação no Brasil, feito a partir de fitotopônimos, é possível admitir que o nome *Ininga*, não atestado, via de regra, em dicionários gerais, se refira mais a aspectos fitológicos (primeiro e segundo étimos) do que a aspectos ergológicos (terceiro étimo). Tudo, no entanto, são conjecturas que podem e devem ser confirmadas com o apoio da História Social piauiense.

---

<sup>i</sup> Professor lotado no Departamento de Letras da Universidade Federal do Piauí. O texto apresentado corresponde a uma parte da pesquisa de doutoramento do Prof. Dr. Marcelo Alessandro, cuja tese tem como título *Marcas toponímicas em solo piauiense: seguindo as trilhas das águas*. FALE/UFMG, 2012, e trata das possibilidades interpretativas da etimologia de alguns termos do vocabulário indígena da Região do Piauí.